

“PRAZERES DA CARNE”: A PRÁTICA SEXUAL DO SWING E A CONJUGALIDADE CONTEMPORÂNEA

Marta Cristine Rodrigues*
Aline Moreira Gonçalves**

RESUMO

O intuito da presente pesquisa é compreender as significações dadas a prática do *swing* por seus adeptos e como esta incide na conjugalidade contemporânea, levando em consideração os papéis sexuais desempenhados conforme gênero e orientação sexual de *swingers* residentes em Belo Horizonte e região metropolitana. Tal trabalho visa, também, refletir sobre as temáticas que se relacionam às experiências e à construção de subjetividades, bem como, o quanto estas dinâmicas são influenciadas, ou até que medida rompe, com o discurso moral e patologizante associado as práticas sexuais tidas como dissidentes. A metodologia proposta para sua execução é do tipo indutiva, trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória e se classifica como pesquisa etnográfica, quanto aos seus fins. Em relação aos instrumentos para coleta de dados foram utilizados a observação participante assistemática em duas casas temáticas na capital mineira e a entrevista em profundidade, aplicada individualmente com quatro casais (quatro homens e quatro mulheres) que praticam o *swing* em Belo Horizonte e/ou região metropolitana. Para a análise de dados, foi empregada a análise arqueológica do discurso de Michel Foucault. A partir da análise dos resultados, percebeu-se que é atribuído ao *swing* valor de liberdade e que dentro da contratação amorosa dos casais participantes, a prática sexual contribui para o fomento da conjugalidade dos mesmos.

Palavras-chave: Sexualidade. Práticas sexuais. Conjugalidade. *Swing*.

ABSTRACT

The purpose of the present research is to understand the meanings given to the practice of swing by its adherents and how it affects contemporary conjugality, taking into account the sexual roles played according to gender and sexual orientation of swingers residing in Belo Horizonte and metropolitan region. This work also aims to reflect on the themes that relate to experiences and the construction of subjectivities, as well as how these dynamics are influenced, or to what extent breaks, with the moral and pathological discourse associated with sexual practices considered as dissidents. The methodology proposed for its execution is of the inductive type, it is a qualitative research, of the exploratory type and it is classified like ethnographic research, as to its ends. In relation to the instruments for data collection, an asystematic participant observation was used in two thematic houses in the capital of Minas Gerais and the in-depth interview, applied individually with four couples (four men and four women) practicing swing in Belo Horizonte and / or region metropolitan. For the analysis of data, it was the employee the archaeological analysis of Michel Foucault's speech. From the analysis of the results, it was perceived that swing value is attributed to freedom and that within the loving engagement of the participating couples, the sexual practice contributes to the fostering of their conjugality.

Keywords: Sexuality. Sexual practice. Conjugality. *Swing*.

* Graduada em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida (FCV).

E-mail: marta cristine18@yahoo.com.br

** Orientadora do trabalho, docente da Faculdade Ciências da Vida (FCV) e Mestre em Psicologia Social pela UFMG.

Email: linepsi71@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As relações afetivo-sexuais são constantemente recriadas. A elas são concebidas normas próprias. O sexo ganha outras perspectivas dentro da família tradicionalista e no contexto conjugal, anteriormente embasado na justificativa de procriação. A sexualidade outrora restrita, começava a flexibilizar-se e a confrontar valores trazidos socialmente provenientes da honradez, da retidão e salvação religiosa: a virgindade, o corpo, a monogamia e o sexo começam a desligar-se do discurso conservador e a ganhar outras possibilidades e significações. Dentre as práticas sexuais propagadas socialmente na atualidade, emerge o objeto de estudo desta pesquisa, o *swing*, termo provindo da língua inglesa que remete a atos como balançar ou mover-se livremente (SILVEIRA, 2014).

Diante de uma moral sociorreligiosa, da efemeridade, do desejo e do prazer- Quais seriam as significações afetivo-sexuais dadas pelos adeptos do *swing* à sua prática? Encontrariam esses praticantes, no *swing* a realização de fetiches e vivências sexuais? A satisfação de prazeres e da excitação, bem como a ampliação e variação de experiências? Existiria nesse contexto uma lógica de pertença grupal que, de alguma forma, ampliaria o ciclo e as redes de identificação e desidentificação dos participantes? Seria a curiosidade um dos elementos de busca por essa prática, acabando ela por melhorar a qualidade da vida conjugal e sexual do casal, elevando a autoestima dos participantes e trazendo elementos indicativos de maior liberdade sexual, rompendo com discursos morais próprios da monogamia compulsória?

Desta forma, o presente trabalho busca compreender o sentido afetivo-sexual atribuído às relações contemporâneas provenientes do *swing*. De maneira a identificar, como se configura o perfil dos adeptos à prática; descrever como se dá o processo de subjetivação em torno da prática sexual e como tal incide na conjugalidade contemporânea, bem como, analisar como as questões de gênero são apresentadas no contexto *swinger*. A fim de refletir como a sexualidade mineira têm se apresentado diante de aspectos tradicionalistas, patológicos, conservadoristas e/ou religiosos.

Tendo em vista os diferentes e divergentes discursos de controle social, negação, exclusão da diversidade sexual, a proibição do desejo, do pensamento envolto a sexualidade, o abuso de poder e do conceito de anormalidade, desenvolvidos e perpetuados socialmente, se assenta a necessidade deste estudo, pois segundo Silvério (2014a, p.2) “o *swing* possibilita a reflexão de valores, comportamentos e modelos conjugais, sexuais e de gênero,

predominantes há séculos, mas, atualmente em crise profunda”. Já para Vasconcelos (2015) no fim, dentro do *swing* tudo leva ao sexo, no entanto, não somente a relação sexual em si. O autor, afirma que essa relação se configura articulada a variados roteiros sexuais que envolvem entre si aspectos externos (culturais), internos e intrapsíquicos, ou seja, fantasias individuais e coletivas. A propagação de estudos referentes à sexualidade é de suma importância por estar intimamente relacionada as normas de interação social que dizem dos valores, ideais, costumes, regras, pertencimento e estilo de vida dos sujeitos, como bem expressa Louro (1999) quando diz que a compreensão da sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas social e política; a sexualidade não é apenas “aprendida”, mas construída ao longo da existência humana, de diversificados modos, por todos os sujeitos.

Segundo Foucault (1988) a sexualidade é um “dispositivo histórico”. Louro (1999) elucida este dispositivo histórico, como uma invenção social fundamentada historicamente por diferenciados discursos que regulam, normatizam, constroem saberes e produzem verdades. Vasconcelos (2015) confirma que existem poucos trabalhos e estudos a respeito do *swing* no Brasil, levando em consideração o numeroso quantitativo de adeptos no país. Conhecer a forma como determinada população se relaciona é um ponto considerável dentro da práxis da psicologia, como também das ciências, contribuindo assim para o questionamento de discursos morais e patologizantes. Silvério (2014a) enfatiza que falar sobre *swing*, não é falar de promiscuidade, segundo a antropóloga, o *swing* possibilita uma série de reflexões sobre valores, gênero, amor e casamento que estão presentes na sociedade contemporânea.

A presente pesquisa se classifica em qualitativa exploratória e utiliza para a coleta de dados entrevistas em profundidade, aplicadas de maneira individual com 04 (quatro) casais adeptos dessa prática. A pesquisa de campo, ocorreu em 2 (duas) casas de *swing*, da região metropolitana de Belo Horizonte/MG observações foram registradas por meio do diário de campo. O estudo assume um formato etnográfico e conta para a análise de dados, com a análise arqueológica do discurso proposta por Michel Foucault.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- DO SAGRADO AO PROFANO: A SEXUALIDADE E O UNIVERSO SWINGER

Desde o início das civilizações, a sexualidade foi considerada um tabu, sendo tratada por meio de inúmeros preceitos morais sustentados socialmente. Isso não se difere dos dias atuais, em que diferentes discursos perpassam pelos mais diversos âmbitos e acabam por sustentar a forma conservadora com que se é tratada a sexualidade. Sejam estes fatores: econômicos, jurídicos, religiosos, patológicos ou culturais. O “prazer da carne” encontra-se imerso em construções sócio-históricas, embasadas em dizeres de aversão ao sexo como finalidade de desejo e prazer. Segundo Fontoura Júnior (2015, p.147) “o desejo sexual deveria ser exilado, catalogado e confinado para um adequado funcionamento da sociedade”.

A história Ocidental durante muitos anos atribui ao desejo sexual o poder de encaminhar as pessoas ao inferno, transformá-las em seres obcecados, conduzir homens ao sacrilégio, influenciar de maneira patológica à saúde e desviar culturas. Assumiu diferentes denominações: luxúria, pecado, tentação, heresia - o desejo erótico foi concebido, principalmente pelo Cristianismo como um demônio interno, que deveria ser exorcizado, doutrinado e regrado, a fim de não destruir a existência do indivíduo pecante (FONTOURA JÚNIOR, 2015).

Neste sentido, as noções acerca da sexualidade e das práticas sexuais estão acrescidas ora de valores tradicionais e/ repressores, ora de manifestações reais libertárias. A sexualidade compreende um conjunto de experiências, vivências e reflexões envoltas de significações e intencionalidades sexuais, já que se apresenta sob inúmeras formas, não se restringindo a genitálias ou na cópula em si (CHAUÍ, 1984). O *swing*, apesar de apresentar vivências diversas, é, como outras práticas, concebido como fruto de sexualidade denominada dissidente, contornada de estigmas sociais, que transferem à prática sexual caráter de anormalidade (CARVALHO; VASCONCELOS, 2013).

Dentro dos espaços e casas temáticas, o *swing* é denominado como uma prática sexual voltada a casais heterossexuais, visto que a homossexualidade masculina configura um grandioso tabu no meio *swinger*, a feminina nem sempre é reconhecida como orientação pelas mulheres participantes. Para os praticantes, se faz extremamente importante a separação entre sexo e amor (SILVÉRIO, 2014b). Assim, o *swing* seria uma oposição à moral monogâmica imposta a maioria dos relacionamentos ocidentais, de modo a desafiar convicções em voltas a sexualidade, o amor e a fidelidade. Um abrandamento da moral burguesa, não ultrapassando a efemeridade e sigilo das casas temáticas (OLIVEIRA; POCAHY, 2015).

Para além da troca de casais e o sexo a três, existem diversas práticas inseridas no universo *swinger* como: *voyeurismo*, sadomasoquismo, exibicionismo e o sexo grupal. Os adeptos do *swing* são pessoas que anseiam pela preservação de suas identidades e pelo

anonimato fora do meio, através do uso de *nicks*, de apelidos e do completo sigilo a respeito de suas práticas dissidentes (WEID, 2012). A comunidade *swinger* é portadora de um alto nível de instrução e base salarial elevada, ocupa posições profissionais estáveis e/ou cargos de gerência e confiança, parte dos praticantes é casada, brancos e possuem filhos. A faixa etária é variante, mas em média as mulheres adeptas e constantes à prática apresentam idade acima dos 30 e homens acima dos 35 anos (SILVÉRIO, 2014b).

Não existe um marco preciso da origem do *swing*. A versão mais difundida associa a prática aos *keyclubs* (clubes da chave), encontros realizados na década de 1950, por casais militares da Califórnia, empilhavam-se chaves de carros para que as esposas aleatoriamente escolhessem uma, a chave escolhida daria respectivamente um parceiro sexual a mulher- o dono da chave. Tais festas ficaram popularmente reconhecidas como *wife swapping* – (troca de esposas) (SILVÉRIO, 2014a). Diante diferenciadas versões do surgimento do *swing*, existe a alternativa que na década de 1970, nos Estados Unidos, um pastor havia declarado a seus congregados que muita gente se balançava na cama como macacos em galhos (*swinging*) designando assim, um nome a prática (SILVEIRA, 2014).

Outra versão seria o surgimento do *swing*, durante a 2ª Guerra Mundial, onde após elevadas taxas de mortalidade masculina e grande aproximação de vínculos femininos. Ficaria o militar sobrevivente responsável emocional e sexualmente, pela esposa do oficial morto. No Brasil, destaca-se a presença da prática desde o período colonial, com consideráveis índices no final dos anos 1960 e início dos anos 1980 (SILVÉRIO, 2014a). Outras versões circundam o movimento hippie e feminista devido à liberdade sexual feminina; culturas como a do Alasca, ao verem a troca de casal como uma estratégia de sobrevivência e perpetuação da espécie; como também as celebrações ritualísticas e orgias da antiga Roma e Grécia.

Atualmente, o meio *swinger* conta com um crescente número de adeptos, contínuos investimentos em bares e casas temáticas, como também comunidades, redes sociais e aplicativos específicos para a manutenção e introdução de curiosos à prática (SILVEIRA, 2014). Apesar das metodologias de divulgação e acesso, a vivência dessa prática ainda se encontra altamente estigmatizada. Os *swingers* são percebidos não somente como “desviantes específicos”, mas como “desviantes gerais”, ou seja, para além do *swing* são considerados “desviantes” da vida, de regras, de morais e de condutas (JENKS, 1985).

2.2- VIVÊNCIAS E SUBJETIVIDADES NA PRÁTICA SEXUAL E CONJUGAL DO SWING

O *swing* é demarcado por um meio peculiar, característico de seus praticantes, voltado para os atos e práticas sexuais; sem consequências desagradáveis, cercado apenas pelo desejo erótico e pelo companheirismo e cumplicidade do cônjuge; em que não haveria obstáculos, fracassos, impedimentos. Um mundo prodigioso a estes cônjuges, em que a sexualidade, exercida de forma livre, consolidaria o vínculo conjugal (FONTOURA JÚNIOR, 2015). Sendo assim, uma negociação e um diálogo constante, são necessários para o estabelecimento de confiança, cumplicidade e respeito mútuos. (SILVÉRIO, 2014a).

Não somente casais em sintonia procuram o meio *swinger* para satisfazer suas fantasias e apimentar a relação. Talvez, pelo fato da prática do *swing* ser um campo alternativo na contemporaneidade em relação às práticas sexuais, muitos casais em crise e no anseio de salvar seus casamentos, acionam tal como subterfúgio, a fim de desconstruir algo desarmonioso em suas relações, apresentando outras perspectivas a vida conjugal. No entanto, conforme expressa Silvério (2014a) o *swing* não é aconselhável a casais em crise ou com problemas conjugais, pois nestes casos uma piora pode acometer a relação e tornar o parceiro insuportável.

Em muitas sociedades o *swing* é visto como um estilo e/ou filosofia de vida, configurando um modo de ser e estar no mundo. Muitos casais frequentam casas apenas com o intuito de conhecer pessoas novas, para partilha de experiências desafiantes da moral sociorreligiosa expressa. Outros, como uma possibilidade de pertencimento de grupo, a fim de compartilhar prazeres, desejos, excitações, bem como amizades, bebidas e/ou lugares voluptuosos. De modo a agregar a vida afetiva, sexual e pessoal. Segundo Farias (2012), a oportunidade de uma vida desviante que foge às normas sociais, o aumento da autoestima, de sentir-se atraente e desejado, consiste em algumas das razões pelas quais casais praticam o *swing*.

A prática sexual do *swing* difere-se das relações abertas e do poliamor¹. No poliamor, os envolvidos são livres para amar e se envolver afetivo-sexualmente com quem quiser, configurando diferentes formatos de relacionamentos² (trisal, formato em V, T, N, quarteto). Em um relacionamento *swinger*, o envolvimento afetivo se dá apenas entre os cônjuges, ou seja, se ama apenas uma pessoa, já o sexo, pode ser realizado com um/a terceiro/a ou um casal com a participação e consentimento de ambos os cônjuges. No *swing*, apenas é considerada

¹ O poliamor, segundo Freire (2013) é um movimento não-monogâmico, onde as pessoas consideram possível relacionar-se de maneira afetiva, sexual e consentida, com mais de um parceiro ao mesmo tempo, no entanto, o termo pode possuir diferenciadas definições de adepto para adepto.

² No poliamor, ocorrem variações de formatos afetivo-sexuais; três ou mais pessoas se relacionando entre si, de maneira direta e/ou indireta, individual ou coletivo; há manutenção de vínculo afetivo e consentimento dos envolvidos.

infidelidade quando uma relação acontece escondido sem o consentimento do/a parceiro/a (SILVEIRA, 2014).

Apesar de evocar a ideia de liberdade sexual, o *swing* possui regras. Tudo é permitido se assim a pessoa e o parceiro consentir. Concretiza-se a busca e o encontro por sexo, como também se faz marcante a dissociação afetiva no meio, não há envolvimento sentimental e qualquer atitude que assim possa ser considerada como envolvimento afetivo é dado como problema ao âmbito *swinger* (FARIAS, 2012). Segundo Vasconcelos (2015) o foco da interação *swing* é o sexo, um sexo performático, próximo ao sexo visualizado em filmes pornográficos nem sempre presente na relação sexual em si. Ainda de acordo com o autor, existe no *swing* grande ênfase no corpóreo, a maneira a qual o corpo é visto serve como fonte de sedução, ele ou suas partes realizam um serviço de cartão de visitas, conseqüentemente, de boas-vindas. Tais corpos são tradutores de sedução e segredo comumente estabelecido por parâmetros físicos e de beleza, divulgados principalmente por meio de vídeos e fotos em redes sociais específicas *swinger*.

Os *swingers*, segundo Teixeira (2015) não são pessoas pervertidas, mas também não são retrógradas; não são possessivos, mas nem por isso, são infiéis; criticam a monogamia mas vivenciam um relacionamento monogâmico; são livres e ao mesmo tempo leais e fiéis aos códigos estabelecidos, ou, ao menos, socialmente adaptados. A autora expressa também que para além de exceções, existe no *swing* uma concordância e reforço de aspectos criticados pela prática, como o que diz respeito ao casamento heterossexual e monogâmico e as relações de gênero.

2.3- UM RECORTE DE GÊNERO SOBRE A CONJUGALIDADE SWINGER

“Só existe *swing* se tiver mulher. Sem a figura feminina não há *swing*, porque não há troca” (VIEIRA, 2013, p.17) O *swing* demarca uma série de experimentações sexuais que possibilita a mulher vivenciar práticas não propiciadas no contexto social tradicional. Neste âmbito, a reputação maternal e moralista em torno das mulheres é descartada, passam elas a desfrutar da permissividade dada constantemente ao sexo masculino. No conservadorismo, o homem e/ou marido é o principal interessado em uma “mulher pura e respeitável”, no *swing* ele é o principal promovedor e cúmplice de sua companheira na satisfação de seus desejos. Incentivar a mulher pela busca das suas fantasias sexuais torna o homem, em grande parte dos casos, filiados a elas (SILVÉRIO, 2014b).

Apesar do lema “onde tudo é permitido e nada é obrigatório”, o *swing* pode ser visto como um universo cercado de incoerências e contradições para aqueles homens e mulheres dispostos a adotar uma filosofia de vida mais hedônica. Neste âmbito, homens ainda precisam reafirmar um suposto papel social masculino interligado a uma figura “macho alfa”, para a manutenção da heterossexualidade masculina. Já a mulher é envolvida em uma trama de possibilidades homossexuais desconsideradas com frequência diante da identidade sexual (SILVÉRIO, 2014a). Existe um ideal advindo do ser mulher, uma performance chamativa, de grande disponibilidade sexual e exibição do corpo. Já ao homem não existe tanta preocupação com o corpóreo, a eles é esperado comportamentos em um primeiro momento, discrição e contenção (SILVEIRA, 2014).

A divulgação e propaganda das casas propagam o corpo feminino. Os altos valores de ingressos criam um obstáculo para a entrada e participação do público masculino em casas e bares temáticos *swingers*. As mulheres solteiras pagam um valor simbólico, os casais um valor mediano- em comparação aos solteiros. O homem solteiro compõe um grupo em geral não tão procurado e/ou almejado nas casas de *swing*. O solteiro é restrito desde instrumentos publicitários, perpassando a esfera econômica, social e de gênero. O mesmo não acontece com o público feminino, elas são um público bastante cobiçado pelos frequentadores (VASCONCELOS, 2015). Tanto as trocas quanto outras experiências descritas mudam de acordo com a utilização dos espaços do clube. Estas podem ser realizadas em quartos separados, nos lugares de comum acesso ou mesmo diante do público.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão consiste em uma pesquisa exploratória, etnográfica e de caráter qualitativo. A Etnografia, “consiste na aceitação incondicional da realidade tal como ela aparece”, é uma imersão completa, um aprofundamento real, onde se deve compreender uma sociedade, através de suas significações expressas por meio de comportamentos (LAPLANTINE, 2004, p.87). Para discorrer sobre a relevância do tema foram realizados levantamentos bibliográficos em fontes secundárias por meio de pesquisas bibliográficas de artigos científicos datados entre os anos 2012 e 2017, selecionados em bases de dados eletrônicos como *SCIELO*, *PePSIC*, *LILACS* e outros, a serem delimitados pelas palavras-chave: sexualidade, práticas sexuais, conjugalidade e *swing*. Mídias virtuais, redes sociais e

aplicativos vinculados ao *swing*, como o CR (Casal Real), *D4Swing*, *Sexlog* e *PitangaClub* também foram utilizadas como fonte de coleta de dados a fim de compreender a sua relevância em relação a procura e propagação da prática.

Neste sentido, o trabalho procurou compreender as significações afetivo-sexuais dadas pelos adeptos do *swing* à sua prática e de como as relações conjugais e contemporâneas são impactadas por esta vivência dissidente e pelas questões de gênero apresentadas neste contexto. Dessa forma, a pesquisa foi realizada mediante uma pesquisa de campo em duas casas de *swing* na região de Belo Horizonte/MG, devido a acessibilidade, como também por configurarem os âmbitos mais frequentados pelos adeptos à prática na região mineira. O trabalho de campo se deu ao longo de 4 (quatro) visitas, entre os meses de outubro e novembro do corrente ano, incluiu a observação assistemática incluiu a observação das práticas e espaços coletivos das casas, para a elaboração do diário de campo.

As entrevistas em profundidade foram aplicadas individualmente com quatro casais *swingers* (quatro homens e quatro mulheres) pré-selecionados conforme o critério “bola de neve” – *Snowball sampling*, que como colocam Badin e Munhoz (2011), a técnica Bola de Neve é uma forma de amostra não probabilística, aplicada em populações, grupos ou subculturas de difícil acesso, bastante utilizada em pesquisas sociais onde os participantes, apontam outros participantes sucessivamente, até que a finalidade da pesquisa seja alcançada. As entrevistas realizadas foram em profundidade a fim de obter realidades sociais e contribuir com o aprimoramento de informações nesta área. Seguiram um roteiro semiestruturado construído pela pesquisadora composto por perguntas abertas, voltadas para o perfil, vivências e ideais dos praticantes acerca da relação *swinger*, no intuito de responder a questão norteadora desta pesquisa, com aplicação prevista de uma hora e meia.

O público selecionado para as entrevistas foi composto por casais heterossexuais, monogâmicos e poligâmicos, adeptos ao *swing*, a mais de um ano de prática e casados. Foram identificados por nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente a fim de preservar a identidade dos entrevistados e o sigilo do perfil utilizado pelos adeptos na prática. Apresentam idade variante de 23 a 59 anos, conforme se pode observar no **Quadro 1**. Todos os praticantes são residentes em Belo Horizonte e região metropolitana e foram esclarecidos sobre os propósitos desta pesquisa e o caráter sigiloso de suas informações pessoais, como também, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e ao Termo de autorização para gravação. Após gravadas as entrevistas foram transcritas na íntegra para a análise dos dados.

QUADRO 1. Descrição socioeconômica dos participantes

CASAIS	NOME	DESCRIÇÃO SOCIOECONÔMICA
Paulo e Paula		
Monogâmicos, casados há 24 anos, adeptos ao <i>swing</i> há 5 anos, possuem 2 filhos.	Paulo	Homem, heterossexual, 47 anos, não possui religião, ensino médio completo, representante comercial, renda mensal R\$3.600,00 reais.
	Paula	Mulher, heterossexual, não possui religião, superior completo, professora, sem renda fixa.
Rafael e Rafaela		
Monogâmicos, casados há 7 anos, adeptos ao <i>swing</i> há 4 anos, não possuem filhos.	Rafael	Homem, heterossexual, 59 anos, católico, ensino médio completo, comerciante, renda mensal R\$5.000,00 reais.
	Rafaela	Mulher, bissexual, 31 anos, católica, ensino médio completo, comerciante, renda mensal R\$5.000, 00 reais.
Renato e Renata		
Poligâmicos, casados há 3 anos, adeptos ao <i>swing</i> há 2 anos, não possuem filhos.	Renato	Homem, heterossexual, 23 anos, ateu, ensino médio completo, assistente administrativo, renda mensal R\$ 1.500,00.
	Renata	Mulher, bissexual, 23 anos, agnóstica, superior incompleto, professora de inglês, renda mensal R\$3.000, 00 reais.
Márcio e Márcia		
Monogâmicos, casados há 7 anos, adeptos ao <i>swing</i> a 2 anos e meio, possuem 1 filho.	Márcio	Homem, heterossexual, 30 anos, católico, superior completo, policial militar, renda mensal de R\$5.000, 00 reais.
	Márcia	Mulher, bissexual, 29 anos, católica, superior incompleto, guarda municipal, renda mensal de R\$ 2.300,00 reais.

FONTE: Elaborado pela pesquisadora.

Para a análise de dados utilizou-se da análise arqueológica do discurso, que segundo Fernandes (2013) se caracteriza pela análise da fala em contexto, ajudando compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto. Assim o enunciador é um ser discursivo, cujo contexto pessoal, histórico e social é ideologicamente frisado. Nesse processo, foram construídos três enunciados para a discussão dos dados identificados na leitura das interlocuções: 1) Não se nasce *swinger*, torna-se um- a trajetória feminina e masculina no *swing*; o estilo de vida e a pertença grupal; 2) O sigilo *versus* a liberdade sexual e 3) Confiabilidade, fidelidade e cumplicidade na conjugalidade *swinger*.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise do discurso desse artigo contou com três enunciados. O primeiro dedica-se a descrever o estilo de vida *swinger*, considerando como se configura o processo de introdução e das vivências na prática sexual, ressaltando as questões de gênero e contextualizações emersas no *swing* constituinte da pertença grupal. O segundo enunciado discorre sobre os enfrentamentos inerentes da prática liberal provenientes das normas sociais estigmatizantes da

sexualidade dissidente e o terceiro enunciado exprime sobre os aspectos do *swing* que agregam valor a conjugalidade dos seus adeptos.

4.1 NÃO SE NASCE *SWINGER*, TORNA-SE UM - A TRAJETÓRIA FEMININA E MASCULINA NO *SWING*; O ESTILO DE VIDA E A PERTENÇA GRUPAL

Como o próprio enunciado menciona ninguém nasce *swinger*. Isso se torna mais evidente, quando enfatizado o contexto social do público alvo dessa pesquisa- o povo mineiro; arraigado em princípios de religiosidade, tradicionalismo e conservadorismo. Todos os participantes dessa pesquisa tornaram-se um *swinger*, ora munidos por uma curiosidade ora dotados de um desejo contrário a moral social vigente da monogamia compulsória. Ao longo das entrevistas, foi constatado que a maioria dos participantes vieram tomar conhecimento sobre o *swing* por intermédio de alguma mídia de conotação restrita ou pornográfica, por auxílio de propagandas via internet de comunidades e/ou casas temáticas, bem como, por programas TV ou aplicativos de telefonia móvel; desencadeando buscas complementares posteriores sobre a prática sexual.

Grande parte dos adeptos apontou que o motivo desencadeante pela busca e permanência no *swing* se dá pela curiosidade, liberdade e possibilidades ofertadas pelo meio; pelas descobertas de relacionamentos que cessam os ideais afetivos-sexuais impostos e criam oportunidades de um maior conhecimento, sobre si, seu parceiro (a) e experiências contrárias ao até então associado como sagrado, normal, correto e moral. Segundo Foucault (2008) as regras, apresentam-se como um jogo desencadeante de objetos; objetos que segundo ele são recortados da discriminação e da repressão, que se diferenciam da prática cotidiana, das legislações, da moral religiosa e do discurso médico/ patologizante. Dos entrevistados apenas dois participantes obtinham alguma experiência na prática sexual precedente ao seu atual relacionamento, sendo estas advindas de relacionamentos anteriores ou por meio da mediação de amigos e/ ou contratação de garotas de programa. Quanto aos interesses pelo universo *swinger* com o atual parceiro (a), ambos os sexos dentre os entrevistados, apresentaram-se atuantes na mediação de remeter ao companheiro o desejo de procura à prática sexual. As reações advindas deste interesse apresentaram diversificadas manifestações, notórias nos discursos:

A reação dela foi super positiva, na verdade, eu estava descobrindo o tesão no *swing* e descobrindo, paralelamente e simultaneamente que ela também tinha o mesmo fetiche (Paulo, 2017) .

No começo foi muito difícil [...] minha reação foi muito assustada; muito conturbada, eu achei que ele não me amava, que eu não satisfazia ele, achei que ele queria outras mulheres (Rafaela, 2017).

A introdução à vivência *swinger* da maioria dos casais entrevistados, ocorreu nas casas de *swing* de Belo Horizonte. Os participantes relataram que não apresentaram dificuldades para serem introduzidos à prática, no entanto, o primeiro momento no âmbito liberal, desencadeou nos iniciantes, um misto de sensações ora de susto, ora de apreensão, ora de receio e ora de vergonha, ora de liberdade, diversão, excitação e prazer. Entre as práticas sexuais experimentadas pelos cônjuges foram ressaltados o *ménage à trois*, a troca de casais e o sexo no mesmo ambiente com troca de carícias e sexo oral, sem penetração. Por ser uma prática abrangente de outras práticas sexuais, notou-se durante as entrevistas que os *swingers* quando indagados sobre serem adeptos a outras práticas sexuais apresentaram uma associação do *swing* a práticas como: o *voyeur*, o exibicionismo, o sexo grupal e o *ménage*, expressando um distanciamento apenas do bi masculino e do sadomasoquismo. Essa repulsa ao bi masculino justifica-se ao longo do trabalho, devido a forte figura do “homem-alpha”, ou seja, um homem viril, másculo e ligado altamente à performance e desempenho sexual. Existe na prática, conforme trazido ao longo da pesquisa e observado durante visitas às casas temáticas, uma forte questão de gênero, bem como, uma apreciação do corpo físico, perceptível neste relato:

Ser homem e mulher dentro do universo *swinger* é uma coisa muito clara [...] a relação *swinger* é assim, cada pessoa tem um papel, a mulher; ela sempre tem o papel de chegar na outra mulher e tentar convencer o casal [...] tem muito dessa questão da esposa troféu, então minha esposa é gostosa e vai conseguir arrumar para eu ficar com aquela mulher [...] assim a esposa tem esse papel de fazer a mediação [...] o papel dos homens é meio que fazer um de durão, responsável, bonzinho e tal e muitas vezes de ser uma cara melhor que ele é, o cara num é nada na vida, mas ele precisa pagar de rico, gostoso, intelectual e tudo só pra fingir e ficar de durão [...] Existe uma pressão muito grande na mulher para ela ter que fazer alguma coisa; fazer e acontecer [...] tem muito essa pressão, ela precisa ser bissexual, ela precisa estar sempre depilada e ela precisa chegar na outra mulher e no casal e tal (Renata, 2017).

A mulher é convidada a vivenciar uma série de experiências sexuais, deslocando sua orientação dentro da prática à bissexualidade. Há um incentivo por diferentes facetas conforme constatado; pelas casas de *swing*, nas divulgações de propagandas e noites específicas voltadas ao bi feminino e sociais, por um considerável ideal de fetichização masculina. O mesmo não acontece com o homem, que apesar de ter acesso as vivências bissexuais, precisa vela-la. Dos entrevistados dois homens se mostraram abertos à introdução

de um solteiro à relação, sendo que apenas um permitiria que o mesmo interagisse com ele de maneira ativa.

Quanto à participação em redes sociais, aplicativos e comunidades destinados à prática do *swing*, todos os casais disseram integrar ou já ter integrado perfis *on line* vinculados à prática como *Sexlog, Tinder, Facebook, WhatSapp, Feeld* e o *Capital Real Swingers (CRS)*. Durante a pesquisa do meio *swinger*, foram acompanhados aplicativos não trazidos pelos casais entrevistados, como o *Casal Real (CR)*, o *D4Swing e o PitangaClub*, a fim de compreender quais eram os perfis e objetivos traçados pelos adeptos nas redes sociais. Esta análise nos permite ressaltar que um número significativo de iniciantes busca as redes sociais, para estabelecer contatos, aprender e se envolver com a realidade do *swing*. Motivo o qual, casais não-iniciantes já não as sustentam este uso, justificando a ausência destes aplicativos devido já terem uma lista de contatos mais abrangentes, grupos de amigos formalizados/selecionados e uma participação mais ativa no meio, como em festas, casas e resenhas particulares. No decorrer dos relatos foi constatado um grau de pertença dos *swingers* ao estilo de vida liberal, para além da diversão, da novidade e da fantasia. Existe na prática sexual a formação de identificação, reconhecimento e o pertencimento grupal; há o compartilhamento de um segredo, de codificações, regras e modos; o estabelecimento de vínculos de amizade e ideias afins, como é possível perceber nos relatos:

[...] Esse estilo de vida possibilita pra gente poder conhecer novos mundos, novas pessoas, curtir [...] Hoje o *swing* é 100% das minhas amizades; são *swingers*, amigas de verdade, então assim, representa também nosso meio social hoje (Renata, 2017).

A gente frequentava casa de *swing* em Belo Horizonte toda semana praticamente e ia a resenhas não com muita frequência. As nossas resenhas eram mais com amigos, que a gente fez nas casas de *swing* [...] essas resenhas não tinham muito envolvimento sexual, era mais bate papo, tomar uma cerveja, conversar, a gente fez muitos bons amigos (Rafael, 2017).

Foi percebido nas visitas às casas de *swing*, bem como, no discurso dos entrevistados quando questionados sobre a regra mais significativa no meio *swinger*, uma notória presença do sentimento de respeito. Algo que vem reforçar a expressão *swinger* “tudo é permitido, nada é obrigatório”. O ambiente convencionalmente visto como bacanal, promíscuo e séptico, é inexistente diante a ausência deste valor, de um código rígido e tácito da prática liberal, muitas vezes quimérico em ambientes tidos como morais e tradicionais, como é possível perceber no relato:

A regra principal no meio *swinger*, em resenhas e até mesmo casas de *swing* mesmo é o respeito, é a regra principal. O que é o respeito - você saber até onde vai

dependendo da pessoa, da receptividade da pessoa - você precisa diferenciar as pessoas - eu tenho que respeitar os pontos peculiares das pessoas, para agir e reagir com elas, essa é a regra principal (Paulo, 2017).

Esse enunciado assegura o convite de Foucault (2008) de através das análises dos discursos repensar de uma forma diferenciada, tudo o que nos é posto como evidente. Confrontar a nós, a nossa vida e a nossa história do que supostamente somos, o que normativamente nos constitui, ou seja, mostrar, trazer à tona, em sua essência os acontecimentos, tornando-o livre para vir a ser, nele e fora dele, nos jogos das relações. Para Foucault (2008, pág. 85) “Atrás do sistema acabado, o que a análise das formações descobre não é a própria vida em efervescência, a vida ainda não capturada, mas sim uma espessura imensa de sistematicidades, um conjunto cerrado de relações múltiplas”.

4.2 O SIGILO *VERSUS* A LIBERDADE SEXUAL

Ao serem questionados como é conviver sendo um *swinger* no contexto social, todos os entrevistados apresentaram, ora ou outra um discurso temeroso, diante as diferentes vivências ofertadas na prática sexual do *swing*. Apresenta-se um misto de prazer e de liberdade, existe a manifestação latente do desejo e do medo. Apreensão esta, de vir à tona a descoberta da faceta *swingueira* por sua rede de vínculos pessoais, familiares e sociais. Como foi destacado em na narrativa:

Eu tenho muito medo, muito medo mesmo, na verdade eu fico até mais assim. Mais é ele que realmente aparece [...] eu tenho um trauma, porque esse negócio, todo mundo pratica, mas quando você é descoberto fazendo, é outra história, totalmente diferente (Paula, 2017).

Conforme já trazido, ao longo do trabalho, apesar de na atualidade o *swing* ser uma prática sexual, mais divulgada pelos meios de comunicação, mais acessível de informações e de interação por diferentes públicos, ainda assim, ela enfrenta resistências, diante uma sexualidade normatizada, embasada em discursos religiosos, jurídicos e médicos mantida em nosso contexto social. Para Foucault (2008, pág.50) “Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, não é fácil dizer alguma coisa nova, não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que objetos logo se iluminem.”. Ser um *swinger* e viver uma prática liberal está muitas vezes ligado à ideia de desvio sexual, o que desperta um forte sentimento de inadequação destes participantes ante as suas relações sociais, especificamente sobre a família. Existe um medo de vivenciar a sexualidade erótica diante o sistema cultural

judaico-cristão, ou seja, perante os padrões sociorreligiosos aceitos, o que justifica parte do receio e da busca incessante por anonimato e por sigilo dos adeptos.

Eu tenho uma família extremamente cristã [...] isso aí é muito doloroso porque parece que você está escondendo quem de fato você é o tempo todo e realmente é assim, querendo ou não é isso, se meus pais descobrissem isso, eu sinto que eles nem iam falar comigo mais, complicado [...] Quando eu cheguei na casa não tive nenhuma resistência [...] voltando para casa, acho que isso se deve pelo fato da minha família ser muito cristã e tal, eu me senti muito culpada, eu tomei um banho de tipo assim, umas 3 (três) horas, me sentindo suja, me sentindo muito mal (Renata, 2017).

Essa concepção é perceptível não somente ao longo das entrevistas, mas também dentro das casas, onde na maioria das vezes são criados nomes fictícios, divulgados apelidos ou denominações aleatórias propagadas via redes sociais, na apresentação de um adepto ao outro. Algo observado foi que nem sempre é exigido pelas casas de *swing* documentação de identificação, de modo a não inibir os clientes. Esse enunciado nos denota a citação Foucaultiana (Foucault, 2008) anterior, no sentido de que não se pode dizer qualquer coisa em qualquer momento. Acrescentar-se-ia que não se pode fazer qualquer coisa a qualquer momento também pelo risco de esse algo se tornar público ou vir em evidência.

4.3 CONFIABILIDADE, FIDELIDADE E CUMPLICIDADE NA CONJUGALIDADE *SWINGER*

De acordo com os participantes, a transição relacionamento tradicional para relacionamento *swinger*, sofre significativas modificações. Que perpassam por instâncias de confiabilidade, fidelidade e cumplicidade, estas se dão por uma palavra-chave que vem significar o sentido que o *swing* exerce na vida desses sujeitos; a liberdade. Faz-se possível notar o impacto da prática na conjugalidade contemporânea nas narrativas:

Acho que a prática sexual do *swing* modificou o nosso relacionamento sim, porque ao contrário do que todo mundo pensa, trouxe mais confiança, a gente é mais parceiro, sai mais junto [...] melhora muito a relação, você não fica preso a estereótipos, a sei lá, a muita coisa que o pessoal fica (Rafael, 2017).

Acho que mudou muita coisa, agora nós somos mais cúmplices, uniu a gente mais; porque acaba que a gente agora tem um mundo que é só nosso né, só de nós dois, a gente é cúmplice nisso [...] tendo esse segredo nosso a gente se diverte [...] quase já não tem mais essa coisa de ciúme, problema. A gente confia mais um no outro [...] tem mais diálogo, mudou muito, melhorou demais. Acaba que a gente fica mais vaidoso, mais estimulado a cuidar do corpo, essas coisas assim (Márcia, 2017).

Durante a realização de todas as entrevistas e durante a elaboração do diário de campo, notou-se que o ciúme se encontra mais representativo no início da prática, decrescendo à medida que a cumplicidade, a comunicação e a parceria dos adeptos aumentam. Segundo os participantes não existe *swing*, onde habita a insegurança.

Não pode haver insegurança no meio *swinger*, você precisa ir para uma aventura, seja de qual nível for muito seguro do que quer e do que seu parceiro quer também, se houver insegurança vai melar tudo (Paulo, 2017).

Sendo assim, a conjugalidade *swinger* encontra-se pautada em princípios diferenciados da relação convencional. As bases relacionais são constituídas dos mesmos objetos, no entanto, estes são visualizados por outra perspectiva. Para Foucault (2008) o discurso é algo altamente diferenciado daquilo que é sobreposto, depositado, está para além da superfície de um conjunto definido e fechado. Neste sentido, percebeu-se que a ideia em que, no geral, a sociedade faz da conjugalidade vai muito além do que é perceptível em nível macro. As relações que representam a conjugalidade na contemporaneidade são constituídas, sobretudo, em níveis de micro relacionamentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos caminhos da pureza e da tentação, entre o proibido e o aceitável, molda-se um regime sexual caracterizado por normas morais, elaboradas com o intuito de regulamentar e padronizar como normativo, os corpos e suas relações. Aos que não obedecem tais prescrições são dados rótulos, de teor problemático, anormal, desviante e patológico. O pecado original e até mesmo a criação divina de Adão e Eva sustentam o discurso cristão de condenação e da normatividade. Seriam os seres humanos, assim, binários, monogâmicos e heterossexuais, seguidores dos princípios morais sacramentados de: matrimônio, procriação e formulação de uma família promotora de honradez.

Perante uma sexualidade que precisa ser velada, o *swing* surge como um meio relacional liberal, pautado em princípios de confiabilidade, de fidelidade e de cumplicidade, onde há forte pertença grupal, preconceitos e comercialização. Enfim, esta pesquisa pretendeu amplificar o conhecimento sobre a prática sexual do *swing*, apresentando a sexualidade dissidente sobre um distinto viés, aproximando os sentidos e os significados constituintes do

sujeito; do ser *swinger* e de suas incidências na conjugalidade contemporânea, de modo a abranger as questões de gênero e o caráter patológico atribuído a prática sexual.

Tornou-se evidente nessa pesquisa que o público constituinte do *swing* é composto de sujeitos com um perfil muito bem delineado, com uma condição socioeconômica estabilizada e de escolaridade instruída. Utilizam com frequência os meios de comunicação, no entanto, apesar da espontaneidade de muitos adeptos em se falar sobre a temática liberal, os mesmos apresentam bastante temor, quanto a sua identificação. Algo que ficou muito explícito diante das assinaturas dos termos vigentes da pesquisa. Por fim, notou-se o quanto o *swing* contribui favoravelmente para a conjugalidade dos casais participantes da pesquisa e o quanto os mesmos significam a prática de maneira libertária.

As questões de gênero mostraram-se evidenciadas no meio, de modo a dar continuidade a codificação de respeito à prática, algo que encontrar-se-ia ameaçado diante a introdução desenfreada de solteiros homens ao *swing*, que devido a cultura de gênero adentrariam a prática sexual, de maneira repreensora não apenas a mulher, como também o homem, enquanto casal. Sendo assim, mostrou-se notório que todas as hipóteses iniciais foram constatadas afirmativas, ou seja, há incidência de pertença grupal, ampliação de vivências sexuais, bem como, maior liberdade sexual que resulta em melhoramentos na relação conjugal, sexual e de auto realização dos participantes.

Para um entendimento mais amplificado sobre a temática proposta, sugere-se a realização de futuros trabalhos no contexto, a fim de abranger o conhecimento sobre o fenômeno estudado, como também alargar assuntos em torno os adeptos *swingers* solteiros (as), as configurações poligâmicas, a comercialização erótica, bem como, a incidência de práticas sexuais na terceira idade.

6 REFERÊNCIAS

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. *Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária*. In: X Congresso Nacional de Educação. PUCPR: Curitiba, Anais... 07 a 10 de novembro de 2011.

CARVALHO, Géssika Cecília; VASCONCELOS, Edson. *O desejo do outro como mercado: um estudo sobre gênero e trabalho numa casa de swing em Pernambuco*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos, 1., 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FARIAS, Y. M. A. T. *Sobre ciúme e swing: quando três não é demais*. 2012. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: Reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora ClaraLuz, 2013.

FONTOURA JUNIOR, Antonio. *Pornotopias conjugais: subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil*. 2015. 282f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba, 2015.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Sandra Elisa de Assis. *Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos*. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

JENKS, Richard. *A test of two theories and a proposed new model*. Archives of Sexual Behavior, vol. 14, nº 6, p. 517-527, 1985.

OLIVEIRA, Andréa Marília Alves de; POCAHY, Fernando Altair. *Eu, tu, ele (s), ela (s): Cartografando heteroconjugualidades na prática do swing*. Fractal: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 228-237, set/dez, 2015.

LAPLANTINE, F. *A Descrição Etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 3-34, 1999.

SILVEIRA, Raphael Moraes da. *Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do swing em Goiânia*. Goiânia: UFG, 2014. 116f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2014.

SILVÉRIO, Maria. *Swing-Eu, Tu... Eles*. 2ª ed. Lisboa: Chiado Editorial, 2014a.

SILVÉRIO, Maria. *Gênero, sexualidade e swing: a resignificação de valores através da troca de casais*. Sexualidade, Salud y Sociedad. (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 18, p. 111-139, 2014b.

TEIXEIRA, Marina Duarte. *Swing: Troca de casais ou troca de mulheres?* Recife: UFP, 2015. 143f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal Pernambuco, Recife, 2015.

VASCONCELOS NETO, Edson Peixoto. *De olhos bem fechados: sexualidade, subjetividades e conjugidades no swing*, 2015. 245 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

VIEIRA, Sâmella dos Santos. *“Nem santa, nem puta”: performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de swing*. Recife: UFP, 2013. 110f. Dissertação (Mestrado de Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco- CFCH. Pós - Graduação em Psicologia, Recife, 2013.

WEID, Olivia Von Der. *A prática do swing e a dimensão do prazer*. Temáticas- Gênero, moralidades e sexualidades contemporâneas. Campinas, v.20, n.40, p. 35-66, agost./dez., 2012.